

## **AS PRESENCAS ENCONTRADAS NAS CORRESPONDÊNCIAS DE CUNHO FAMILIAR: UMA ANÁLISE EPISTOLOGRÁFICA**

*Mariana Rodrigues Ferreira Fantinelli Delecrode (UEL)*

[mariana.rffantinelli@uel.br](mailto:mariana.rffantinelli@uel.br)

*Edina Regina Pugas Panichi (UEL)*

[edinapanichi@sercomtel.com.br](mailto:edinapanichi@sercomtel.com.br)

### **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo apresentar e analisar o manuscrito de uma correspondência enviada por Benigno Bittencourt Moraes a Otávio Rodrigues Ferreira, a fim de verificar neste material indícios documentais e históricos que comprovam esta carta como correspondência de cunho familiar, já que possuíam grande vínculo de amizade. Para subsidiar os aportes teóricos utilizados, a saber Epistolografia e Estilística Lexical, também utilizamos trechos da entrevista presencial feita com uma das filhas do senhor Benigno, Leiva Moraes de Castro, que comprovou dados e concedeu acesso a outros documentos de processo importantes para a constituição do corpus desta pesquisa. A intenção é que a carta apresentada possa permitir que os analistas assimilem os aspectos epistolográficos e estilísticos existentes nos conjuntos ou nas missivas com os quais estabelecer contato e que o leitor perceba que as ausências são facilmente ocupadas pelas presenças encontradas nas correspondências de cunho familiar.

#### **Palavras-chave:**

Documentos. Epistolografia. Correspondência familiar.

#### **ABSTRACT**

This article aims to present and analyze the manuscript of a correspondence sent by Benigno Bittencourt Moraes to Otávio Rodrigues Ferreira, in order to verify in this material documentary and historical evidence that prove this letter as correspondence of a family nature, since they had a great bond of friendship. To subsidize the theoretical contributions used, namely Epistolography and Lexical Stylistics, we also used excerpts from the face-to-face interview with one of Benigno's daughters, Leiva Moraes de Castro, who verified data and granted access to other important process documents for the constitution of the corpus of this research. The intention is that the letter presented may allow analysts to assimilate existing epistolographic and stylistic aspects in the sets or missives with which they establish contact and that the reader perceives that absences are easily filled by the presences found in correspondence of a family nature.

#### **Keywords:**

Documents. Epistolography. Family correspondence.

### **1. Introdução**

Quantas presenças e quantas ausências podem ser encontradas em uma correspondência? Os elementos que marcam os relacionamentos

também podem ser verificados no corpo das cartas? Os contextos que circundam a vida privada e a vida pública dos correspondentes podem ser extraídos nas linhas das mensagens enviadas e recebidas? Este artigo tem a intenção de responder aos questionamentos apontados por meio da análise da correspondência enviada por Benigno Bittencourt Moraes a Otávio Rodrigues Ferreira. Este rico material de fonte histórica foi encontrado no acervo pessoal do destinatário, o qual foi preservado pelos integrantes da família Rodrigues Ferreira, na Fazenda Santana, em Cambará-PR.

Com o intuito de corroborar as informações da carta, realizamos, em 14 de março de 2023, uma entrevista presencial em Curitiba-PR, com a filha do senhor Benigno, a senhora Leiva Castro Moraes, de 94 anos, que colaborou respondendo a uma série de questionamentos baseados em documentos de processo, a saber: artigos de jornais da época, propagandas, fotografias, os quais testificam a rede de contatos estabelecida entre o seu pai e o senhor Otávio e entre os dois e outros nomes influentes da política e da sociedade.

Empregaremos dois aportes teóricos basilares para os assuntos abordados: a Epistolografia e a Estilística. Com relação ao primeiro pressuposto teórico, daremos especial atenção aos textos que desenvolvem os estudos sobre a rede de sociabilidade, o grau de relacionamento mantido entre os correspondentes, bem como em que contexto sócio-histórico ocorreu a troca, a fim de compreendermos a mensagem tratada na carta em tela.

Ao aplicarmos os estudos estilísticos, iremos nos debruçar especialmente na seleção lexical empregada para realizar a troca mútua de informações: cabeçalho, apostos e vocativos, ortografia aplicada, termos carregados de valor afetivo, marcas pessoais do remetente, entre outros itens notados na análise do *corpus*.

O exame da carta permitirá o entendimento de como se instaurou e como se desenvolveu esta amizade, na medida em que conheceremos uma pequena parte do dia a dia e da rotina destes homens, assim como nos aproximará da rede de instituições e demais pessoas com quem preferencialmente se relacionavam.

## **2. A correspondência entre amigos – Epistolografia familiar**

A carta pode ser considerada uma mensagem que surge no cotidiano das vidas e dos relacionamentos. Antonio Candido (2006) considera o estudo desta expressão artística como a ciência dos homens. Segundo Gomes (2005, p. 7), “(...) as cartas são escritas para serem lidas por uma certa pessoa, selando um ‘pacto epistolar’, abarcando assuntos variados e até íntimos e um pouco secretos”. É o tipo de comunicação que mandamos para um ausente, a fim de dizer aquilo que diríamos se estivéssemos em condições de falar presencialmente com ele.

A interação na escrita acontece na ausência entre os participantes das trocas; portanto, há um hiato entre o tempo de escrita, o tempo de envio, o de recebimento e o de leitura. Carvalho (2005) diz que a carta

deixa mais evidente a disjunção pragmática, impossibilitando a partilha do tempo e do espaço entre os participantes da cena comunicativa. Isso a torna interessante como forma de interação [...], obrigando o enunciador a convocar recursos de ordem não-tecnológica (diferentes dos recursos tecnológicos utilizados nos meios virtuais), para construir uma cenografia que o presentifique ao outro, presentificando-o a si. (CARVALHO, 2005, p. 18)

Esta defasagem temporal e espacial se projeta no movimento de contramão entre destinatário e remetente. Haroche-Bouzinac (2016, p. 114) explica que o relógio epistolar assim se configura: “qualquer remetente sabe que o presente da escrita corresponde ao futuro da recepção, qualquer destinatário sabe igualmente que o presente da recepção remete ao passado da expedição”.

O primeiro estará situado no passado. A mensagem chegará “desatualizada”, com decisões já tomadas e eventos apresentados já realizados. O segundo, estará voltado para o futuro, e deve antecipar as reações do receptor. Esta troca só será bem-sucedida se ambos aceitarem essa noção de descompasso de forma descontraída.

As cartas sofreram mudanças ao longo do tempo e das grades culturais em que são realizadas as interações verbais. Cabe, então, ao analista estabelecer as conexões e as singularidades que podem ser levantadas no gênero textual, lembrando que a correspondência pessoal “(...) é, sobretudo, (...) um espaço revelador de suas ideias, de seus projetos, opiniões, interesses e sentimentos. Uma escrita de si que constitui e reconstitui suas identidades pessoais e profissionais do decurso da troca das cartas” (GOMES, 2005, p. 13).

O objeto carta também pode ser apontado como material testemunhal para retratar elementos que serão investigados pelo epistológrafo que estuda tais documentos, isto é, em que conjunto de circunstâncias se dá o ato da comunicação: o contexto social, o espaço, a reconstituição histórica que liga remetente-destinatário, o grau de relacionamento e o *status* dos participantes, bem como a imagem que cada interlocutor tem de si, os temas abordados, o meio utilizado, ou seja, será possível encontrar pontos considerados essenciais para compreendermos como se deram as discussões em torno dos fenômenos sociais, das transformações culturais, de momentos íntimos, relacionais ou comerciais e a relação com o mundo ao qual pertenciam e interagiam.

O contexto histórico presente nas cartas é assim explicado por Haroche-Bouzinac (2016):

A carta depende de fatores ligados ao contexto histórico: situação das vias e das comunicações postais, estrutura hierárquica das relações sociais, maior ou menor grau de aceitação de uma moda ou etiqueta, acesso à escrita de uma massa variável dos sujeitos que produzem as mensagens. Todos esses parâmetros influem no conteúdo e na forma da mensagem enviada e condicionam igualmente sua recepção. (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 26)

Espera-se deste instrumento de pesquisa que, conforme a época retratada, sejam apresentadas notícias da vida política, da vida privada, relatos agradáveis, confidenciais, análises, reflexões, expressões de sentimentos, ou seja, de acordo com as evoluções, seu conteúdo também evolua.

Cada época e cada grupo social equilibram, desta forma, à sua maneira, a problemática entre mim e o outro. Haroche-Bouzinac (2016, p. 30) explica que “reconhecer esses diversos modos de manejar a aptidão a corresponder é, sem dúvida, compreender melhor o que faz com que uma comunidade exista, cimentada pelo compartilhamento dos mesmos usos, das mesmas normas, dos mesmos sonhos (...)”.

A chamada *carta aos familiares* compreende o círculo de parentes e amigos, os serviços e os encarregados unidos à família por laços próximos. Esta forma de correspondência beneficia-se de um estilo mais informal, destituído de “pomposas”. Há certa liberdade permitida em virtude da proximidade dos vínculos. O tom de conversa é notado nas linhas escritas. Chapelain, em uma carta datada de 19 de fevereiro de 1653, diz estar

[...] convencido de que toda carta familiar, figurando no lugar dessa palavra imediata o modo como aparece na conversação entre pessoas de bem

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

[*honnêtes gens*], se transparecer estudo, se contiver declamação, se adotar tom pomposo para se elevar, peca contra sua natureza e cai na afetação, ou seja, não é boa, por mais bela que seja, e terminará chocando os que possuem gosto sensato.

Por meio das trocas epistolares, é possível notar “a manutenção de espaços de socialização coletivos para seus descendentes e de uma convivência familiar intensa em festas e eventos que moldaram de maneira sólida e duradoura os laços de família” (FERREIRA, 2001, p. 3).

A estrutura composicional da carta organiza um modo de dizer, de acordo com os elementos constitutivos: o papel pode sinalizar o ofício do destinatário, bem como o cabeçalho traz a indicação do lugar e a data em que se deu a enunciação. O vocativo constrói no texto a figura do destinatário e a relação que tem com o remetente, do mesmo modo que a despedida e a assinatura identificam o grau de relacionamento ou de proximidade com o remetente. O assunto, isto é, o tema específico, objeto da troca comunicativa, também é requisito da forma composicional.

À luz dos estudos epistolográficos e da literatura contemporânea, autores como Stênio Gradel, Aline Bei, Gabriel Abreu e Annie Ernaux dissertam sobre o novo fôlego dados às correspondências, no sentido de não ter sido um gênero que entrou em extinção, de fato. De acordo com Diaz (2002), o que ocorreu e ocorre são transformações que assumem diferentes facetas e que dificultam uma leitura única, retomadas pela definição “a correspondência é um Proteu” (DIAZ, 2002, p. 67), alusão ao mito sobre a divindade marinha que possuía o dom de transformar-se em qualquer forma que quisesse.

### **3. A Estilística e suas contribuições para a seleção lexical**

Ao contemplar os estudos estilísticos, será possível potencializar a qualidade e a relevância do material de pesquisa selecionado, visto que ricos exemplos empregados pelos remetentes e destinatários das missivas poderão ser extraídos durante a análise.

O estilo comunica ao leitor/pesquisador o valor hierárquico dos participantes do processo de comunicação, o grau de proximidade entre os interlocutores, manifestando-se como uma reunião de traços linguísticos particulares. O estilo varia conforme os papéis desempenhados pelos sujeitos, a posição social de cada um, as respectivas idades.

Além do aspecto estritamente pessoal, a utilização de vocábulos informais e característicos, a carta é uma opção que leva consigo diversas outras

manifestações, como fotografias, poemas, letras de músicas, trechos de documentos, dentre outros gêneros ligados ao domínio documental ou artístico. Ou seja, uma carta não é meramente um manuscrito, e sim um registro de épocas e pessoas, com suas particularidades. Logo, a troca de correspondências [...] testemunha o intercâmbio dos reais valores intelectuais e humanos, sejam relacionados à esfera do conhecimento popular, seja à do erudito (SANTOS; FERREIRA; BATISTA, 2019, p. 91)

Nilce Sant’Anna Martins, em sua *Introdução à Estilística* (2012), logo no primeiro capítulo interroga o leitor entusiasta em estudos sobre o estilo com importantes questionamentos:

O que é Estilística? Eis uma pergunta a que não se responde fácil e prontamente. Pode-se dizer, como princípio de explicação, que Estilística é uma das disciplinas voltadas para os fenômenos da linguagem, tendo por objeto o estilo, o que remete a outra embaraçosa e infalível pergunta: o que é estilo? (MARTINS, 2012, p. 17)

Inúmeros são os estudos e os estudiosos que se debruçaram em apreciar novas abordagens, tendências e concepções sobre a Estilística e sobre o estilo. Ambos os termos, para serem compreendidos em sua integralidade, também são dependentes das posturas metodológica, epistemológica e teórica de seus autores e das tendências de estudos que abraçaram. A professora Beth Brait (2014) explica que,

[...] nesse percurso, Nilce Sant’Anna abre espaço para a inclusão de perspectivas que possam corroborar, no passado e no presente, não somente suas escolhas em relação a estilo, a perspectiva tão cuidadosamente explorada ao longo de sua obra, mas outros tantos pontos de vista sobre essa importante questão presente nos estudos da linguagem. (BRAIT, 2014, p. 264)

A Estilística tem o potencial de complementar e de assimilar a Gramática ao perceber as ligações com o léxico, sintaxe, fonética, fonologia e morfologia, daí a classificação em estilística fônica, estilística lexical, estilística da enunciação e estilística sintática. É possível encontrar na carta as marcas de expressividade do autor, as quais são transmitidas coesiva e coerentemente ao seu leitor, como em um processo de “negociação de entendimento”:

[...] ler ou escrever um texto é muito mais do que apenas compreender ou organizar palavras em frases e parágrafos. É algo que envolve um amplo mecanismo a partir do qual o pensamento e as pretensões comunicativas do autor se apresentam para a reflexão e avaliação do leitor. Como se constroem esses textos? Com palavras, sintagmas, termos e orações – elementos que mantêm entre si um relacionamento interno de concordância, de regência de atribuição (HENRIQUES, 2008, p. 15)

Martins (2012, p. 97) explica que a estilística léxica ou da palavra “estuda os aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, os quais, entretanto, não podem ser completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais”. A linguista enfatiza que o sentido das palavras é constituído pelos elementos emotivos, os quais são responsáveis por garantir a tonalidade afetiva das palavras, dependendo do contexto de uso, da entonação, de recursos gráficos, dentre outros itens que corroboram a compreensão do enunciado pretendido.

Já Mattoso Câmara Jr. (1997) afirma que a estilística lexical:

[...] estuda a seleção vocabular e os fenômenos de conotação e polissemia, referentes aos valores afetivos, emotivos, ou socialmente convencionais que se aderem à significação das palavras. Assim, entram aí a exploração do vocabulário, o emprego de diminutivos e aumentativos afetivos, o emprego de diminutivos pejorativos ou maliciosos, a exploração da polissemia, da sinonímia e da paronímia, mais a exploração dos antagonismos entre determinados campos semânticos. Somem-se ainda a coesão semântica obtida a partir da seleção vocabular, os fenômenos de denotação e conotação, a monossímia ou a monossignificação versus a polissemia ou plurissignificação, as figuras de linguagem tais como as comparações, as metáforas e metonímias, as hipérboles e as sinestésias, os neologismos (criação estilística de novas palavras) e a adequação vocabular. (Câmara Jr., 1997, p. 110)

A estilística oferece, assim, mais acuidade, clareza e sistematização para construir uma relação entre os textos e suas interpretações, sendo, portanto, uma abordagem que permite a construção de estratégias interpretativas sólidas e de práticas pedagógicas eficientes.

Assim, ao refletir sobre o emprego da Estilística e a sua importância para os estudos da linguagem, torna-se muito claro o entendimento de que sua função é romper limites, permitir “o brincar” com as palavras e expressões, trazer ao texto novos efeitos de sentido e estimular a criatividade do autor da obra, pontos estes observados na obra.

#### **4. Análise do corpus**

A correspondência e as figuras utilizadas para a composição do corpus deste artigo foram coletadas em dois momentos: a) em uma visita à sede da Fazenda Santana, situada em Cambará-PR, local que abriga parte do acervo pessoal da família Rodrigues Ferreira e b) em viagem da autora à Curitiba-PR para a realização da entrevista presencial com a filha do senhor Benigno Bittencourt Moraes, Leiva Castro Moraes, 94

anos, bibliotecária, procuradora geral do Estado do Paraná e, depois de ter obtido a aposentadoria, assessora no Tribunal de Justiça, que aceitou participar de forma voluntária, concedendo acesso ao seu acervo pessoal de registros fotográficos.

Cabe ressaltar que a entrevista foi gravada por meio de um aplicativo de gravador de voz e alguns trechos serão reproduzidos, conforme desenvolvimento da análise em tela. A entrevistada nos relatou que o pai e Otávio Rodrigues Ferreira conheceram-se antes de virem residir em Cambará-PR. Por um tempo, moraram em Itápolis, cidade interiorana do estado de São Paulo. Este, provavelmente, pode ter sido o primeiro encontro dos dois.

Ambos eram descendentes de portugueses e, então, estabeleceram um princípio de amizade. Antes de vir com a família para Cambará-PR, o senhor Benigno residiu em Ourinhos, município situado no interior do estado de São Paulo e local de nascimento da entrevistada. Quando houve a mudança para Cambará-PR, aquele que se fixou primeiro tratou de receber o outro em suas necessidades momentâneas.

Benigno era conhecido pelos funcionários como “Pai dos pretos”. Era amigável, acolhedor, trabalhador e um pai amoroso e dedicado, conforme relato da filha. Era proprietário da “Machina S. Benedito de benefício e rebenefício de café”, também comprador de “algodão, café e cereais”. Também era proprietário de uma pequena fazenda. Da mãe, Hilda de Castro Moraes, também fala com muito amor e intensa carga de saudades. Abaixo, a fotografia do enlace matrimonial do casal.

Figura 1: Enlace matrimonial de Hilda de Castro e de Benigno Bittencourt Moraes<sup>1</sup>.



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

<sup>1</sup> A amizade entre os dois conterrâneos e as respectivas esposas favoreceu o apadrinhamento dos filhos: José Rodrigues Ferreira, afilhado de Benigno e Hilda, e Cleyde Moraes, afilhada de Otávio e Virgínia. Em um dado momento da entrevista, a senhora Leiva contou que “todo dia, a gente jantava e ia tomar cafezinho na fazenda”.



## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Ambos exerceram funções políticas no município de Cambará-PR. Otávio Rodrigues Ferreira foi vereador por várias legislaturas e prefeito no período de 03 de dezembro de 1947 a 03 de dezembro de 1951 sob a bandeira do União Democrática Nacional (UDN), tendo sido chefe político e presidente do diretório no município. Os jornais da época listam a presença da família de Benigno no banquete de posse de Otávio. Também foi Provedor da Santa Casa de Misericórdia desde a sua fundação.

Benigno Bittencourt Moraes, também afiliado ao UDN, foi presidente da Câmara de Vereadores do município e foi um dos vereadores mais votados na época. Presidiu o Rotary Club, organização internacional de serviço humanitário, e auxiliou na fundação de outros clubes pela região.

Eram líderes influentes que mantinham contato frequente com a alta cúpula do UDN em Curitiba-PR e conseguiram importantes recursos para melhorar a infraestrutura da cidade de Cambará-PR.

Figura 2: Os amigos “compadres” Benigno Bittencourt Moraes (esquerda) e Otávio Rodrigues Ferreira (direita).



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Há, por parte dos cambaraenses que viveram os fatos políticos do período, a lembrança de um fato acontecido durante as intensas manifestações populacionais em apoio ao UDN: houve um comício na cidade e, para tanto, foi construído um palanque para a apresentação dos projetos e dos ideários. Como muitos apoiadores subiram no palanque, este cedeu. Alguém, no meio dos espectadores, levantou um lençinho branco e bradou em alta voz: “É o peso da democracia”.

A entrevistada narrou um triste episódio que marcou a vida dos pais recém-casados quando estes ainda residiam em Ourinhos-SP: o falecimento do irmão recém-nascido, Antonio Wilson. O acontecimento foi transcrito em sua integralidade, e as marcas originais foram preservadas com o intuito de reforçar o estreitamento dos laços de amizade entre as famílias Moraes e Rodrigues Ferreira:

Antes de eu ter nascido, nasceu um irmãozinho meu que faleceu lá em Ourinhos. Uma vez, nós fomos até para a fazenda da Dona Virgínia, o seu Otávio era falecido. E a mamãe queria ver a campa do meu irmãozinho, sabe [...]. Então nós até ficamos lá na fazenda com a dona Virgínia. Ela era um amor de pessoa, meu Deus do céu. E a campa dele ficava, assim, deve ficar ainda, perto do cruzeiro. Era uma campa e tinha um anjinho em cima, sabe, e uma tampa de granito, qualquer coisa assim, não me lembro bem, mas era assim, altinha, pequenininha. Quando nós fomos lá, embaixo estava cheio de velas. Eu acho que o pessoal pedia as coisas para ele e viam que era um anjinho. Ele faleceu com meses. Nem se sabe o motivo, porque ele estava na cama e, de repente, quando a mamãe foi lá ele tinha falecido. Não sabe se foi a poeira que entrava pela janela que sufocou [...] foi uma loucura. Encontrar ele ou falecido ou quase falecido [...]. Tentaram ressuscitar, tentaram fazer tudo e não conseguiram, mas acho que ele foi sufocado ou então o leite também [...] ficou meio no ar. Não faziam autópsia para ver o que era [...]. Primeiro filho. A inexperiência. Foi um golpe. Não sei nem se foi isso que fez o papai ir para Cambará, não sei.

Durante a nossa conversa, lembrou um momento curioso das idas à Fazenda Santana:

A gente era garota ainda e naquele tempo secava o café ali no terreiro de cimento. Éramos bem crianças ainda nesta época. Acontecia o seguinte: quem achasse o “filipe”, que eram dois grãos secos de café grudadinhos, ganhava um presente. Então a criançada toda ficava não sei quanto tempo procurando. A gente [sic] acho que ganhava bala ou moedinha, ganhava alguma coisa. Toda a criançada ficava quase que a tarde inteira catando os “filipes”.

De acordo com informações extraídas do site Café Point, o pesquisador José Braz Matiello confirma essa formação diferenciada dos frutos ao relatar que “a formação de frutos filipe está relacionada à duplicação dos pistilos, comum também em outras espécies, em geral associada à falta de água. No caso da planta que dá a maior parte de filipes, que é raro, pode ter ocorrido uma mutação” (CAFÉ POINT, 2020, p. 1-2).

O engenheiro agrônomo confirma que a brincadeira narrada por Dona Leiva realmente existia:

Segundo algumas lendas, os grãos filipe significam sorte e existem várias crenças e brincadeiras ao redor do tema. A mais conhecida diz que, quando encontrado na lavoura, vale uma prenda, um presente. Quem acha este

grão o esconde por alguns dias até encontrar uma maneira ideal de passá-lo para outra pessoa. (CAFÉ POINT, 2020, p. 1-2)

Figura 3: Pé de café com frutos filipe.



Fonte: Reis (2020<sup>2</sup>).

Naturalmente, o vínculo amistoso foi estendido dos pais para os filhos. A entrevistada recordou a personalidade bondosa de Maria Helena, a única filha de Otávio e Virgínia, por meio da narração de uma passagem: “Sabe o que ela fazia? Naquela ocasião, mulher não dirigia. O seu Otávio, lógico que tinha carro. Ela atravessava o pasto, todo dia, e ia lecionar para as crianças pobres. Ela não era professora nomeada, não ganhava nada. Era por caridade mesmo”.

A Figura 4 retrata a já citada afilhada de Otávio e Virgínia, Cleyde de Castro Moraes (à esquerda), a amiga de longa data, Maria Helena Rodrigues Ferreira (ao centro), e a mãe da entrevistada, a senhora Hilda de Castro Moraes (à direita). A alegria atesta a felicidade do encontro. A entrevistada também tinha outras duas irmãs: Leila de Castro Moraes e Maria Cecília de Castro Moraes.

Figura 4: Cleyde, Maria Helena e D. Hilda.



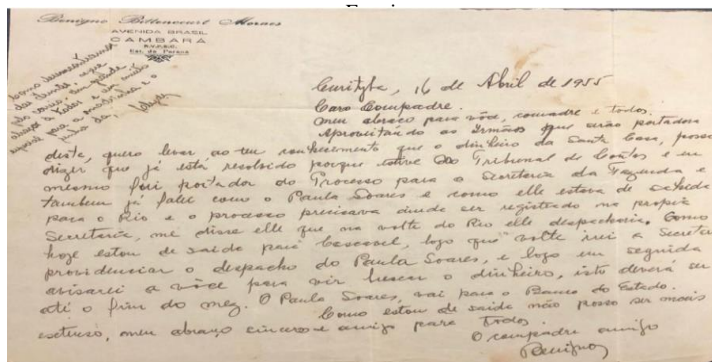
Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

---

<sup>2</sup> Este ano refere-se à publicação em: <https://www.cafepoint.com.br/noticias/giro-de-noticias/ja-ouviu-falar-dos-graos-filipe-220103/>. Acesso em 18 mai. 2023.

A correspondência de cunho familiar escolhida subsidia o referencial teórico, pois é possível, por meio dela, extrair vários pressupostos levantados. O remetente da carta foi Benigno Bittencourt Moraes e o destinatário era Otávio Rodrigues Ferreira. O cabeçalho contém dados importantes para situarem espaço e tempo de envio e recebimento: “Curitiba, 16 de abril de 1955”. Infelizmente, não há registros arquivados da resposta desta carta.

Figura 5: Correspondência enviada por Benigno Bittencourt Moraes a Otávio Rodri-



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

O analista lança mão dos sentidos da visão, do tato e do olfato para substituir a presença do remetente. O suporte escolhido para guardar o manuscrito é muito significativo. O papel da carta contém o endereço comercial do Sr. Benigno e a sigla R.V.P.S.C, que significa Rede de Viação Paraná-Santa Catarina. Provavelmente o senhor Benigno tinha algum contrato com a antiga R.V.P.S.C. De acordo com informações repassadas por Flávio Hermogenes Gaspar, engenheiro residente e chefe do Departamento Comercial da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), atualmente aposentado, os fornecedores recebiam um bloco de papel com o endereço comercial e o timbre da antiga R.V.P.S.C com o propósito de descreverem a quantidade de materiais que haviam repassado à rede. A R.V.P.S.C faturava os pedidos e efetuava os pagamentos. Dada tal explicação, é possível compreender que o papel escolhido para o envio da correspondência possui valor documental e comercial.

No canto superior esquerdo, há um recado informal da afilhada Cleyde para os padrinhos. Os laços afetivos são, mais uma vez, confirmados. O casal Benigno e Hilda havia se mudado de Cambará-PR para Curitiba-PR e a filha perdeu o contato diário com os padrinhos. A escrita

do bilhete é carregada de forte carga emocional, contribuindo para transformar o material num “substituto carnal” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 66), ou seja, uma espécie de abraço que não pôde ser dado presencialmente.

O exórdio, expressão inicial da carta, traz o vocativo “Caro compadre”, que revela a origem social do remetente. Mesmo que fossem amigos e compadres, o contexto social primava por uma comunicação respeitosa, dotada de certos formalismos. Sendo comerciante, era provável que se dirigia aos demais amigos da mesma forma.

Haroche-Bouzinac (2016) explica que a narração ou desenvolvimento da carta

[...] pode compreender todos os tipos de outras formas de relatos, descrições, diálogos reproduzidos ou encenados, anedotas, enigmas para prender a atenção do correspondente. A narração inclui eventualmente as respostas “artigo por artigo” a uma carta anterior ou a uma indagação. Cada artigo corresponde a uma parte que constitui a unidade mínima da mensagem. (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 35)

Como dito, cremos que esta não seja a resposta a uma carta enviada anteriormente, mas que seja, dado o conteúdo exposto, uma carta a fim de levar ao conhecimento do destinatário alguns assuntos que já haviam sido conversados em algum momento oportuno. O tom geral da carta diz respeito a uma verba solicitada para auxiliar a manutenção da Santa Casa de Misericórdia de Cambará. Benigno confirma a ida ao Tribunal de Contas do Estado do Paraná, a entrega para registro na Secretaria da Fazenda e, em seguida, o recebimento do despacho por parte de Paulo Soares, assim que este voltasse de viagem. Tanto Benigno como Otávio eram benfeitores na instituição hospitalar. Há a sinalização de que outra correspondência seria enviada, assim que fosse necessário ir à Curitiba para buscar o dinheiro levantado.

O registro ortográfico não pode deixar de ser contemplado, já que é forte indício para compreendermos a linguagem empregada nesta relação de amizade, além de comprovar o contexto sócio-histórico contemplado.

O Acordo Ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras que vigorava à época era o de 1931, aprovado em 11 de junho de 1931, pelo presidente da República, Fernando Magalhães. As bases do acordo para os casos relacionados versavam o seguinte:

## XXVII CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

### BASES DO ACORDO ORTOGRÁFICO ENTRE A ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA E A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS ELIMINAR:

2o – As consoantes geminadas: sábado, belo, efeito, em vez de sabbado, bello, effeito.

3o – O h mudo mediano: sair, tesouro, compreender.

SUBSTITUIR:

3o – O y por i: juri, martir, Potí, Andaráí.

5o – O z final por s nas palavras como agua-rás, português, país, após (BRASIL, 2014, p. 59-60)

O mesmo documento, na seção Formulário Ortográfico, desenvolve as normas acima:

#### LETRAS DOBRADAS:

II – Não se duplicará nenhuma consoante. Assim, escrever-se-á: sábado, acusar, adido, efeito, sugerir, belo, chama, pano, aparecer, atitude, e não sabbado, accusar, addido, suggerir, bello, chamma, panno, apparecer, attitude.

#### EMPREGO DO h INICIAL, MEDIO E FINAL:

IV – É proscrito o h:

a) quando figurar no meio das palavras, com exceção dos casos acima indicados: sair, compreender, coorte, cair, exumar, proibir, e não sahir,comprehender, cohorte, cahir, exhumar, prohibir;

#### AS LETRAS K, W E Y:

VII – São proscritas de todas as palavras portuguesas, ou aporuguesadas, as letras, k, w, y, que serão substituídas do modo que se segue:

c) O y por i – juri, mártir, tupí. Andaráí

#### O EMPREGO DO S:

X – Escrever com s final e não z:

g) os monossílabos e palavras agudas seguintes: aliás, ananá,após, arnês, arrás, arriós, arsis, ás, atrás, através, calcês, camoês, carajás, catrapús, convês, cós, cris, daruês, dê, (desde), detrás, enapupês, enxós, filhós, freguês, gilvás, grós, linaloés, luf (moeda), macis, mês, obús, pardês, paspalhós, pavês, piós, princês, rês, rés, revês; tornês, trás, tris, viês, zástrás, etc (BRASIL, 2014, p. 61-63)

Recortamos da correspondência os termos “Curityba”, situado no cabeçalho da carta, “elle” (l. 7 e l. 9), “sahida” (l. 7) e “mez” (l.13), os quais merecem especial atenção com relação às normas explanadas. Mesmo que a norma trouxesse a substituição do y por i, a eliminação da consoante dobrada, a exclusão do h médio e a troca do z final por s, é possível notar que o remetente ainda faz o emprego das palavras sem aplicar as alterações regidas pelo Acordo. Isto significa que a mudança legal é mais rápida do que a assimilação cultural. Observamos apenas na palavra “saida” (l. 10 e l. 14) a tentativa de aplicar a novidade da norma ortográfica. Por ser comerciante e lidar com vários tipos de relacionamentos comerciais e pessoais, notamos que o remetente busca aplicar

uma redação coerente e bem escrita para comunicar a mensagem pretendida.

Destacamos, por fim, os lexemas que conferem tonalidade afetiva ao conteúdo da correspondência. Os adjetivos, os substantivos, os verbos e os advérbios são os responsáveis por realçarem a emotividade pretendida no ato da fala e na descrição sobre quem se fala. Assim, Otávio é qualificado como “Caro Compadre”; Benigno se coloca como “O compadre amigo”; o abraço é “sincero e amigo”, ou seja, todos os substantivos e adjetivos confirmam, estilisticamente, o carinho que Benigno mantinha pelo amigo de longa data, Otávio.

### **5. Considerações finais**

O estudo de correspondência, tipo de documentação que recentemente tem ganhado importância e destaque como fonte histórica, mostra que ainda são escassos os trabalhos acadêmicos que se dedicam a explorar as correspondências trocadas no âmbito doméstico, ou seja, aquelas que ligam o remetente e o destinatário por um vínculo de amizade e/ou familiar. Pode ser considerado, contudo, um rico instrumento de análise histórica e os manuscritos são tidos como um tesouro documental.

Infelizmente, não temos arquivada a resposta da carta apresentada para realizarmos comprovações ou confrontações. A ausência da continuidade do assunto não tem a intenção de significar desimportância e nem mesmo que os temas tratados não sejam os mais inusitados ou que aqui se ache uma grande revelação ou confidência. O que é contado sobre o cotidiano, sobre o ordinário também é revelador: destaca que Otávio e Benigno primavam por sempre estar em contato, por manter, mesmo que à distância, acessa a chama da amizade e do bom relacionamento que sempre tiveram. Era muito importante que a toda a família também mantivesse os vínculos sempre ativos. Como pudemos perceber, muitos episódios marcaram a vida dos Rodrigues Ferreira e dos Moraes.

Esperamos que este artigo possa contribuir para a constituição do arcabouço teórico da Epistolografia e da Estilística, permitindo que os analistas assimilem estes e outros aspectos existentes nos conjuntos ou nas missivas com os quais estabelecer contato.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIT, B. A dimensão dialógica de estilo. In: OLIVEIRA, E.G. de; SILVA, S. (Org.). *Dimensões atuais do significado e do estilo: Homenagem a Nilce Sant Anna Martins*. V. 1, Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 263-79

BRASIL. *Acordo ortográfico da língua portuguesa: atos internacionais e normas correlatas*. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação das Edições Técnicas, 2014. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508145/000997415.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2023.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CÂMARA JR, Joaquim M. *Contribuições à estilística da Língua Portuguesa*. 24. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1997.

CARVALHO, Paulo César de. *Fragmentos epistolares de um discurso amoroso: elementos para uma análise semiótica do estatuto do gênero carta de amor*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. 265f. Disponível em: <https://docplayer.com.br/21816054-Fragmentos-epistolares-de-um-discurso-amoroso-elementos-para-uma-analise-semiotica-do-estatuto-do-genero-carta-de-amor.html>. Acesso em: 01 jul. 2024.

CHAPELAIN, Jean [Carta]. 19 fev.1653. 1 carta.

DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade: formes et fonctions de la correspondance dans quelques parcours d'écrivains au XIXe siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Correspondência familiar e rede de sociabilidade. In: XXV Encontro anual da ANPOCS, 2001, Caxambu. *Seminários temáticos...* Caxambu: ANPOCS, 2001, p. 2-20. Disponível em: <https://silo.tips/download/correspondencia-familiar-e-rede-de-sociabilidade>. Acesso em 24 mai. 2023.

GOMES, Ângela de Castro. *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

HAROCHE\_BOUZINAC, Geneviève. *Escritas Epistolares*. Trad. de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: USP, 2016.



HENRIQUES, Claudio C. Estilística em foco. In: \_\_\_\_\_. *Estilística e Discurso*: estudos produtivos sobre o texto e expressividade. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018. (Coleção Português na Prática)

JÁ ouviu falar dos grãos filipi? *Café Point*, São Paulo, 19 jun. 2020. Disponível em: <https://www.cafepoint.com.br/noticias/giro-de-noticias/ja-ouviu-falar-dos-graos-filipe-220103/>. Acesso em: 23 mai. 2023.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à Estilística*: a expressividade na língua portuguesa. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Caroline N. N. dos Santos; FERREIRA, José Luiz; BATISTA, Ray M. de M. Cartas: registros de amizade e vida intelectual. In: ARAÚJO, H.H. de. (Org.). *Cartas de Escritores*: vida literária em epistolografia “modernista”. Natal: EDUFRN, 2019. p. 88-110